

EDITORIAL

O CiFEFiL tem o prazer de apresentar-lhe este número 73 da *Revista Philologus*, do primeiro quadrimestre de 2019, quando o periódico deixa de circular em suporte impresso, permanecendo apenas em versão eletrônica. Em 356 páginas, 26 artigos e uma resenha, teve colaborações dos seguintes autores: Airton Santos de Souza Junior, Ana Carolina de Deus, Anderson Rodrigues Marins, Angela Corrêa Ferreira Baalbaki, Carla Bittencourt Felício, Carla Corsini Rezende da Costa Fernandes, Carla da Silva Lima, Cassiane Josefina de Freitas, Danielle Reis Araújo, Éderson Luís Silveira, Eliane Nowinski da Rosa, Fabiana de Paula Lessa Oliveira, Felipe de Andrade Constancio, Flávia da Cunha Pereira, Gilvan Santos Gonçalves, Gustavo Estef Lino da Silveira, Ivan Vale de Sousa, Iza Quelhas, Izafas Araújo das Neves Paschoal, Jean Moreira de Sousa, Jéssica Rodrigues Souza, João Paulo da Silva Nascimento, José Pereira da Silva, Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto, Juliana Marinho Santos, Lizainny Aparecida Alves Queiróz, Lucas Rodrigues Lopes, Luiz Henrique de Oliveira França, Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, Marly Custódio da Silva, Patricia Damasceno Fernandes, Pauler Castorino Oliveira Barbosa, Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal, Renata da Silva de Barcellos, Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz, Rute da Silva Santos e Vanessa Regina Duarte Xavier.

No primeiro artigo, Fabiana reflete sobre a criação do efeito fantástico no conto “O Esqueleto”, de Camilo Castelo Branco, identificando os elementos que contribuem para a construção do fantástico. E no artigo seguinte, Gustavo e Jean discutem a influência que a língua materna exerce na produção escrita de aprendizes brasileiros de inglês como língua estrangeira.

No terceiro artigo, Eliane demonstra a importância do registro escrito como fonte de evidências linguísticas, e descreve os procedimentos metodológicos adotados na investigação fonético-fonológica em dados provenientes de amostras de língua escrita antiga.

Renata analisa, com a marca da crítica social, alguns poemas visuais de Tchello d’Barros a partir do uso das linguagens verbal e não verbal, e sua fusão semissimbólica, na formação da poesia visual.

No artigo seguinte, baseado nas discussões sobre uma possível origem da linguagem humana, Airton demonstra que isto, dificilmente se-

rá demonstrado numa abordagem isolada, mas, bem mais provavelmente, numa síntese dialética entre as perspectivas que correspondem a uma faculdade biológica inata à espécie humana.

No sexto artigo, Ivan apresenta as instâncias teóricas da argumentação, discutindo-a como forma de comunicação e expressão por meio da língua, relata as etapas de uma proposta realizada com alunos da EJA e analisa os argumentos inseridos no corpus utilizado. No artigo seguinte, Carla, Flávia e Juliana analisam discursivamente as contribuições da arte-terapia no processo de compreensão da separação dos pais.

Por sua vez, Luiz e Josenilce utilizam a crítica textual para investigar a escrita, a história, a memória e a cultura de um povo em dada época e local, apresentando as edições fac-similar e semidiplomática de alguns fólios de um *Livro de Óbitos de Santa Rita do Rio Preto* (BA).

No nono artigo, *Jéssica e Carla* apresentam criticamente o discurso de um jornalista que acredita em um ensino normativista de língua, em que o professor é o único detentor de conhecimento, desqualificando como incoerentes, bagunçadas e erradas as outras variedades linguísticas.

Rute e Luiz Roberto analisam o conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, através de uma conceituação filosófica de literatura, leitura, texto e leitor, adotando algumas concepções de Deleuze e Guattari e de Nietzsche, apresentando as semelhanças entre o autor e o narrador-personagem, e evidenciando a dicotomia entre leitor e não leitor.

No undécimo artigo, *Danielle e João Paulo* apresentam uma proposta de análise crítica do conto “A Cartomante”, de Machado de Assis, valendo-se da crítica textual na interface com a teoria e análise literárias, para realizar uma análise do conto em seus aspectos sociais, históricos e culturais, e contribuir para a difusão de uma crítica interdisciplinar.

A seguir, *Pilar* propõe uma discussão sociolinguística para verificar quais são as condições de realização das alternativas manifestadas pelos estudantes, mapeando as conversas em aplicativos de mensagens virtuais, analisando os contextos em que as abreviações realizadas eles se realizam como elementos vigentes e reais, parte de um contrato de comunicação exigido por aquele ambiente virtual de interação.

Cassiane, no décimo terceiro artigo, apresenta dados parciais do estudo descritivo dos zootônimos presentes em Minas Gerais, considerando a teoria de variação e mudança linguística aplicada ao Atlas Toponímico de Minas Gerais.

No décimo quarto, *Izaías e Rita Queiroz* apresentam a edição fac-similar e semidiplomática dos 26 fólios escritos à mão de um processo-crime de homicídio do início do século XX, e estudam o vocabulário do campo lexical jurídico, com as lexias constantes no documento, de acordo com a teoria dos campos lexicais de Eugenio Coseriu.

Gilvan mostra, a seguir, as abordagens retóricas recorrentes que visam comprovar implicações do processo de construção e escrita do gênero monografia e evidencia sua comunidade discursiva e propósito comunicativo no meio acadêmico, propondo fornecer subsídios para que os estudantes universitários reconheçam e exercitem o gênero monografia a partir de suas características formais e funcionais.

Pauler e Vanessa inventariam dezesseis neologismos por empréstimos, com base nas discussões sobre léxico, moda e mídia, de Margarida Correia e Gladis Maria de Barcellos Almeida, e como estas esferas se relacionam no mundo contemporâneo.

Patrícia, no décimo sétimo artigo, realiza uma síntese sobre os *memes*, abordando suas origens, classificações e desdobramentos, e concluindo que a ideia de *meme* acompanhou as mudanças históricas e sociais, consolidando-se como materialidade discursiva digital que passa por alterações de acordo com as necessidades das práticas sociais.

Carla apresenta a análise de uma atividade escolar, utilizando a pedagogia dos multiletramentos (digital, visual e crítico), e os investimentos adotados pelos alunos para desenvolver habilidades linguísticas na aprendizagem de língua inglesa.

No décimo nono artigo, *Éderson e Lucas* propõem apreender os processos enunciativos através da mobilização do conceito de dialogismo para compreender como um imigrante malinês que salvou uma criança da morte em território francês foi retratado por quatro diferentes jornais eletrônicos.

No vigésimo, Angela relata os gestos que fundamentam divulgação científica para crianças, analisando diferentes obras de literatura infantil de Monteiro Lobato e textos jornalísticos destinados a crianças.

Lizainny reflete sobre a divulgação científica, a relação entre cientistas e divulgadores, e qual é o papel do jornalismo científico na formação da opinião pública.

Iza Quelhas analisa criticamente o romance *O Homem* (1887), de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Aluísio Azevedo, destacando suas relações com Realismo, o Naturalismo e o Romantismo, demonstrando que sua narrativa é multifacetada e, por isto não está contida em apenas um dos movimentos literários e culturais.

Ânderson, no vigésimo terceiro artigo, apresenta as contribuições e o valor da análise sintática, considerando as vertentes tradicionais e as modernas da gramática e da linguística para compreensão, assimilação e desempenho da língua escrita.

No penúltimo artigo, *Felipe* investe na premissa de que língua e sociedade são indissociáveis, não podendo ser negligenciada esta relação nos estudos da linguagem, e observa que os problemas de natureza “grafofônica” na redação escolar podem ser importantes elementos para a compreensão do *continuum* fala-escrita, em perspectiva variacionista.

No último artigo, *Ana Carolina e Marly Custódio* apresentam uma pesquisa sobre a variação linguística a partir da *Graphic Novel* “*Arvorada*”, abordando a gramática na evolução dos estudos linguísticos, o preconceito linguístico e as variações dialetais, e considerando que, muita coisa considerada como erro na língua padrão atual, foi considerada escrita de prestígio em um passado não muito distante.

Concluindo, o CiFEFiL agradece pelas críticas que nos puder enviar sobre este número da *Revista Philologus*, visto que pretende produzir um periódico cada vez melhor e mais interessante para o aperfeiçoamento da interação acadêmica dos profissionais de linguística e letras.

Rio de Janeiro, abril de 2019.

